

POLO NAVAL

Após anos de instabilidades, polo naval de Rio Grande projeta retomada em 2026

Mobilização no canteiro deve começar no primeiro trimestre, com expectativa de até 1,4 mil empregos no pico da nova produção

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O polo naval de Rio Grande chega a 2026 em um ponto de inflexão. Após uma década marcada por ciclos de expansão abrupta, colapsos produtivos e frustrações recorrentes, a indústria naval do Sul do Estado volta a figurar no horizonte econômico com um cronograma mais definido, contratos firmados e a promessa de um período mais longo de atividade.

A retomada, no entanto, ainda carrega cautela – sobretudo entre trabalhadores – e depende da materialização, na prática, de anúncios feitos ao longo de 2025.

O marco mais concreto é o contrato assinado entre o consórcio Maré Nova, formado por Ecovix e Green Port, e a Transpetro para a construção de quatro navios da classe Handy Max. Depois de ajustes no cronograma, o início das obras passou a ser projetado para março de 2026, quando começa a mobilização de mão de obra no Estaleiro Rio Grande. Até lá, o foco segue nas etapas técnicas preliminares, consideradas determinantes para o ritmo da produção nos anos seguintes.

Segundo a Ecovix, o projeto já se encontra em fase avançada de engenharia e aquisição de matéria-prima. “A Ecovix está



Marco concreto é o contrato assinado entre o consórcio Maré Nova, formado por Ecovix e Green Port, e a Transpetro para a construção de quatro navios

executando os trabalhos de acordo com as obrigações contratuais com a Transpetro. Neste momento, estamos na fase de engenharia e de aquisição de matéria-prima, com o início da mobilização de mão de obra previsto para março de 2026”, afirma o CEO da empresa, Robson Passos. A partir desse ponto, as contratações devem crescer de forma gradual, acompanhando a entrada nas etapas industriais mais intensivas.

O cronograma prevê que, inicialmente, os trabalhadores sejam mobilizados para o

processamento de aço e preparação dos blocos de produção.

No pico da operação, estimado entre o segundo semestre de 2026 e o primeiro semestre de 2027, a Ecovix projeta cerca de 1,4 mil empregos diretos no estaleiro. Considerando os efeitos indiretos – cadeia de fornecedores, serviços e comércio –, o impacto total tende a ser significativamente maior, como ocorreu nos períodos de maior atividade do polo naval.

Atualmente, cerca de 220 profissionais já atuam no estaleiro, concentrados em atividades

de preparação estrutural, ajustes de equipamentos, configuração de maquinário e organização logística.

A execução do contrato dos Handy Max deve se estender por aproximadamente 45 meses, com a entrega do primeiro navio prevista para o fim de 2027. O investimento total estimado gira em torno de US\$ 278 milhões, e os navios terão capacidade para transportar entre 15 mil e 18 mil toneladas de porte bruto, com tecnologias que permitem reduzir em até 30% as emissões em comparação à frota

atual da Transpetro.

Do ponto de vista da empresa, um dos diferenciais deste novo ciclo é o fato de o estaleiro já dispor da infraestrutura necessária para o contrato. “O Estaleiro possui tecnologia e infraestrutura avançadas para a construção naval, de maneira que não foi necessário nenhum investimento para adequação ao contrato firmado com a Transpetro”, afirma Passos. Segundo ele, isso reduz riscos operacionais e permite concentrar esforços no cumprimento do cronograma e na qualificação das equipes.

Licitação para construção de navios gaseiros dá novo fôlego ao setor

O cenário ganhou uma nova camada de expectativa com a confirmação de que o Estaleiro Rio Grande venceu o lote B da licitação da Transpetro para a construção de cinco navios gaseiros destinados ao transporte de GLP e derivados. Embora o contrato ainda dependa de trâmites e da assinatura formal, a vitória no certame reforçou a percepção de que o polo naval pode entrar em um ciclo mais longo de produção, indo além dos quatro Handy Max já contratados.

Para a prefeita de Rio Grande, Darlene Pereira, a combinação dos dois projetos indica um horizonte mais robusto para a economia local. “O impacto é extremamente positivo. Esses contratos nos

dão fôlego e equilíbrio econômico, tanto pela geração de trabalho e renda quanto pelo aquecimento da economia, que melhora o consumo e fortalece o comércio e os serviços”, afirma. Segundo ela, além do emprego direto, há reflexos na arrecadação municipal ao longo do período de obras.

Considerando os dois contratos, a estimativa do Executivo municipal é de algo entre quatro e cinco anos de atividade contínua, podendo se estender caso novos projetos sejam conquistados. Um diferencial, no caso dos gaseiros, é que as embarcações deverão ser totalmente construídas em Rio Grande. Já os Handy Max terão os cascos produzidos no estaleiro gaúcho, com finalização no Rio

de Janeiro. Ainda assim, a prefeita avalia que ambos contribuem para consolidar a capacidade técnica do polo e fortalecer a posição da cidade em futuras licitações.

No campo da qualificação profissional, o município tenta evitar um dos gargalos históricos da indústria naval: a falta de mão de obra preparada no momento de aceleração das obras. Segundo Darlene, mais de 400 pessoas passaram por cursos de formação, requalificação e reciclagem promovidos pelo Senai ao longo de 2025, em parceria com o estaleiro.

Além disso, estão em discussão tratativas com o Sistema Fiergs para a construção de uma nova escola do Senai em Rio Grande, com capacidade para

atender cerca de mil alunos.

Apesar do discurso mais estruturado e do avanço técnico dos projetos, o clima entre trabalhadores é de desconfiança. O adiamento do início das obras, inicialmente previsto para o segundo semestre de 2025, reacendeu frustrações em uma cidade marcada por promessas não cumpridas.

Para o tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos de Rio Grande (Stimmmerg), Sadi Machado, os anúncios seguem distantes da realidade de quem depende do polo para trabalhar. “O contrato foi anunciado em fevereiro, e até hoje vivemos de expectativa. Muitos profissionais voltaram para Rio Grande achando que já haveria trabalho, e não há”, afirma.

Machado reconhece que os contratos são importantes, mas cobra previsibilidade e diálogo. Segundo ele, parte da categoria se mantém empregada apenas em atividades pontuais, como o desmanche de plataformas, com baixo potencial de contratação. “Foi feito barulho, mas quem realmente constrói ainda espera a oportunidade”, resume.

A Ecovix, por sua vez, afirma compreender a ansiedade da comunidade e sustenta que o ritmo atual é compatível com a complexidade do projeto. “O que podemos assegurar é que a empresa possui um contrato assinado com a Transpetro, que movimentará o estaleiro ao longo de 45 meses”, diz Robson Passos.